

## **História e imagem: O historiador e sua relação com o cinema**

Luciana Ferreira Pinto<sup>1</sup>

### **1. Introdução**

Desde o início da Escola dos Anais, na França, os objetos de estudo da História vêm se modificando, exigindo novas fontes documentais que dêem conta desses novos temas e fazendo com que o conceito de documento seja ampliado. É nesse processo de ampliação das fontes que as imagens, em suas variadas formas de apresentação, no caso deste ensaio – os filmes, têm alcançado espaço na historiografia recente.

As novas tecnologias de informação e comunicação alteram a vida cotidiana dos indivíduos, bem como seu universo mental e mesmo material. Isso está levando o homem desse início de século a se utilizar destas novas tecnologias para obter informações e não há dúvidas que o audiovisual é uma das principais fontes de conhecimento histórico para grande parte da população.

Como os historiadores têm se comportado diante dessas inovações? Já se conscientizaram de que a possibilidade de construir discursos sobre o passado vai além dos limites impostos pela escrita? Qual a relação do historiador com a imagem, em particular o cinema? Estas, entre outras, são algumas perguntas norteadoras deste texto as quais pretendemos responder, apesar das limitações documentais sobre o assunto e, até mesmo, o acesso a elas.

### **2. Breve história das imagens**

No livro, *Breve Cronologia do Cinema*, o autor mostra que, desde os primórdios, o Homem já tinha uma preocupação em estudar o movimento.

---

<sup>1</sup> Luciana Ferreira Pinto é graduanda do 5º semestre em História pela Universidade Federal da Bahia. Integrante da Oficina Cinema-História, onde participa da elaboração do guia didático da utilização do filme histórico.

Encontramos registros de desenhos rupestres nas grutas de Altamira (na Espanha) que datam de 12.000 a.C. Mais adiante, as civilizações egípcia e babilônica aprofundam seus conhecimentos sobre a luz e sombra e, em 347, o Egito já tinha conhecimento da *câmera escura*. Em nossa era, um monge franciscano, Roger Bacon, redescobre e faz estudos sobre a *câmera escura* sendo, por isso, acusado de bruxaria.

O interesse do homem continua se intensificando e cada vez novas descobertas são feitas com o desejo de se colocar imagens em movimento. Em 1779, o médico Marat faz uma projeção da imagem de insetos vivos sobre uma tela usando um microscópio solar. No século XIX, começam a surgir os primeiros ensaios de Niepce sobre a fotografia que, no final deste mesmo século, vai ser colocada em movimento pelos irmãos Lumière.



irmãos Lumière

O cinema surge em resposta às tentativas de se colocar as imagens em movimento e que é alcançado pelo cinematógrafo dos irmãos Lumière. A primeira exibição pública ocorreu em 28 de dezembro de 1895, em Paris. Os filmes exibidos eram bem curtos, filmados em preto e branco e sem som como, por exemplo, *A chegada do trem na estação civil Cistat* e *A saída dos operários das usinas Lumière*. Seus próprios fundadores não acreditavam que essa nova invenção tivesse futuro como espetáculo, achavam que logo as pessoas se cansariam. Enganaram-se, pois essa invenção foi cada vez mais se aprimorando, tornando-se instrumento de propaganda política, formador de ideologias.

A criação da máquina cinematográfica foi uma invenção da burguesia triunfante que desde a Revolução Industrial estava transformando a sociedade, as relações de trabalho, de produção. Ela se preocupava com a utilização de instrumentos que facilitassem seu domínio cultural, ideológico e encontrou isso com o cinema.

### 3. Relação entre historiador e cinema

Apesar de mais de um século de existência do cinema ainda são recentes os trabalhos mais aprofundados sobre sua relação com a história. O pioneirismo destes estudos é atribuído ao historiador Marc Ferro, com a École de Ferro, que, na década de 60, começa a difundir e legitimar o uso do cinema nas academias historiográficas. Além de Ferro, Siegfried Kracauer, foi o primeiro a tratar o cinema como utilização de investigação histórica tendo como uma de suas principais obras traduzidas para o português o livro *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*.

O historiador como cientista social não pode se manter alheio à influência que a imagem tem na sociedade, pois corre o risco de ficar fora da realidade do processo histórico em curso. Segundo a historiadora Cristiane Nova, nas últimas três décadas do século XX, foram produzidos vários trabalhos que relacionam imagem-história: a história da imagem; a imagem como agente da história; a imagem como testemunho (documento) do presente; a imagem como modalidade de discursos sobre o passado; a produção de discursos audiovisuais como meio de expressão do historiador; a utilização das imagens no ensino da história<sup>2</sup>, porém esses estudos não têm alcançado uma quantidade significativa de historiadores. Como exemplo pode ser citada a Universidade Federal da Bahia, excetuando-se as publicações da Oficina Cinema-História, as únicas obras encontradas em suas bibliotecas são dois livros de Marc Ferro: *Cinema e História* e *A História Vigiada* (deste, apenas um capítulo).

O cinema enquanto objeto de estudo, conhecimento e informação pode ser analisado, de acordo com Antonio Costa<sup>3</sup>, da seguinte forma:

- A. A história no cinema:** analisa os filmes enquanto fontes de documentação histórica e meios de representação da história com a possibilidade de utilizá-los em conjunto com outras fontes.
- 

<sup>2</sup> NOVA, Cristiane. A 'História' diante dos desafios imagéticos. In: *Revista Projeto História*. 2000, p. 144-145.

<sup>3</sup> COSTA, Antonio. *Compreender o Cinema*. 1989. p. 27.

**B. O cinema na história:** analisa a repercussão que os filmes alcançam na sociedade, podendo assumir um papel importante no campo da propaganda política e na difusão de ideologias.

Muitos historiadores tradicionais ainda rejeitam a idéia de utilizar o filme como fonte documental de pesquisa em virtude do caráter mais espontâneo que este possui em relação aos documentos escritos. Esta concepção ainda é resquício do positivismo, do fetichismo atribuído aos documentos escritos como sendo o único detentor da ‘verdade histórica’. Abordando essa questão, Rosenstone diz que é preciso: “Reconhecer que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica, da verdade escrita.” (1998, p. 115)

A escrita não vai desaparecer como forma de expressão de um acontecimento passado, porém o historiador precisa se dar conta de que ela não é a via exclusiva de abordagem e que, portanto, deve estar preparado para as novas possibilidades. Não esquecendo que cada uma delas possui particularidades:

as películas nos permitem contemplar paisagens, ouvir ruídos, sentir emoções, através dos semblantes dos personagens ou assistir a conflitos individuais ou coletivos. Sem desdenhar do poder da palavra, deve-se defender a capacidade de reconstrução de outros meios.  
(ROSENSTONE, 1998. p. 110)

Uma outra dificuldade é o desejo que se tem que o audiovisual histórico seja fiel aos fatos históricos, esquecendo-se que o diretor do filme não é um historiador e a produção cinematográfica exige elementos que sejam atrativos ao público. Com isso pode-se concluir que: “é impossível julgar uma película histórica com as normas que regem um texto, já que cada meio tem seus próprios e necessários elementos de representação.” (ROSENSTONE, 1998. p. 112)

#### **4. O historiador e a análise do filme**

Como já foi citado anteriormente por Ferro “todo filme é um documento” independente de seu tema central se remeter a um passado remoto ou imediato. E ele dirá tanto quanto for questionado, pois sempre vai além do seu conteúdo:

Toda imagem é histórica, na medida em que ela é produto de seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma indireta, sub-reptícia e muitas vezes inconsciente para quem a produziu, as ideologias, as mentalidades, os costumes, os rituais e os universos simbólicos do período em que foi produzido. (NÓVOA, NOVA. 1998, p. 10)

Para o historiador, os filmes que possui uma considerável importância são aqueles que trazem como temática um fato histórico; e seguindo a designação da historiadora Cristiane Nova, utilizaremos a denominação de “filme histórico”.

Sobre as possibilidades de se estudar o cinema, o historiador Marc Ferro apresenta duas vias de análise: como **testemunho do presente** (o filme lido através da história) ou como **discurso sobre o passado** (a história lida através do cinema). Neste aspecto, o filme é considerado como documento secundário; naquele, como documento primário. Ferro dá uma importância maior a análise feita do filme como documento primário, pois diz que mesmo que o filme tenha uma temática aparentemente centrada no passado fala muito mais do presente.

O filme não é uma reflexão direta e mecânica da sociedade, muitas vezes eles constroem uma contra-História, em virtude dele apresentar um novo ponto de vista para a história, geralmente contradizendo a história tradicional e dominante, como afirma Ferro. Esses filmes geralmente são provenientes de sociedade que não dá liberdade à história e que, para se expressar, assume uma forma cinematográfica, algumas vezes também vem como complemento para a história escrita que é pouca difundida.

Para fazer a análise de um filme, o historiador precisará seguir alguns passos. Observemos o esquema apresentado por Cristiane Nova:

1. Seleção dos títulos a serem trabalhados, levando em consideração o objeto e objetivos da pesquisa.
2. Análise individual de cada filme que é feita baseando-se na sua crítica externa que se refere a todos os elementos relacionados a cronologia, censura, custos, público, produção, produtores.

Só após essa etapa, deve-se passar para a análise do conteúdo do filme que faz parte da crítica interna. Deve-se observar tudo o que foi colocado de forma explícita em todos os aspectos do filme; depois procura-se o que está presente implicitamente, aquilo que os produtores tencionavam passar, mas não o fizeram diretamente; por último, os elementos inconscientes existentes no filme.

Para que finalmente o filme se torne um documento historiográfico falta mais uma etapa que consiste na :

Comparação do conteúdo apreendido do filme com os conhecimentos histórico-sociológico acerca da sociedade que produziu o filme e com outros tipos de filme, para então sintetizar os pontos em que o filme reproduz esses conhecimentos e, por outro lado, os elementos novos que ele apresenta para a compreensão histórica da mesma. (NOVA, 1996. p. ?)

Os filmes se dividem em documentários e não-documentários. O primeiro geralmente se caracteriza por não possuir atores, não se basear numa trama e buscar relatar, descrever ou analisar um acontecimento. Já os não-documentários são todos os outros filmes que possuem no enredo uma trama, uma história. Deve-se ressaltar que até mesmo os documentários não apresentam a própria realidade, pois são fruto de um trabalho de montagem, seleção e estruturação para só então serem apresentados ao público. Lembrando que eles apresentam uma visão da História e uma interpretação para o elemento histórico sobre o qual se debruça.

## 5. Conclusão

O cinema pode e deve se utilizado pelo historiador como fonte documental, esse novo campo não se constitui como algo melhor ou pior que nenhuma outra fonte existente e bem aceita entre os historiadores. É claro, assim como as demais fontes, o cinema possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao historiador se interar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo.

## 6. Bibliografia

ANTONACCI, Maria A. Martinez. Do cinema mudo ao falado: cenas da República de Weimar. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 5. 1998. p.126-152.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é o Cinema*. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

COSTA, Antonio. *Compreender o Cinema*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Globo, 1989.

KRACAUER, S. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

NOBRE, F. Silva. *Breve Cronologia do Cinema*. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982.

NOVA, Cristiane. O Cinema e o Conhecimento da História. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.2, n. 3. 1996.

---

A “História” diante dos desafios imagéticos. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, v.21, 2000. p. 141-163.

NÓVOA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). *Interfaces da história: caderno de textos*. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.

NOVÓA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 1. 1998. p. 105-116

ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 5. 1998. p. 105-116.